Micropoemas

BRUNO RAMALHO

#23

Para alguns,
a verdade que importa
é a que menos se enxerga
e mais se entorta.

#37

O que seria do tudo sem o nada,
se este foi aquele na partida
e aquele será este na chegada?

#33

Cômodo é o bom senso,
que exala sua crença,
mas bom mesmo é o pretenso
a inspirar o que o outro pensa.

#32

O essencial
não se basta
no tangível.

#31

À poesia, falar baixo sempre convém:
sussurrados, os versos acabam
gritando no coração de alguém.

#30

Prever o futuro é viver a dor
do não saber como será,
a insônia dos que adormecem
na eternidade do que não há.

#29

Enfim, eliminar a dúvida
não é sobre ter certeza,
mas sobre tonar lúcida
a verdade que tem à mesa.

#28

Das saudades possíveis,
a que dá mais dó
é aquela que a pessoa sente
de quem não tinha quando era só.

#26

O eu repousa transcrito
onde o íntimo se vê de fora:
no poema, ora medito.

#35

Tragicômica brasileira:
são tempos em que os cegos
duvidam da cegueira.

#34

A tristeza e o medo
furam as quarentenas
à revelia do algoz,
andam sem segredo,
afins das nossas antenas,
de mãos dadas, entre nós.

Bruno Ramalho de Carvalho (1978, Rio de Janeiro, RJ) escreve poemas, diverte-se tocando despretensiosamente o flugelhorn e se interessa por filosofia. Médico ginecologista em Brasília, DF, atua na área da reprodução humana assistida. É autor dos livros *A penúltima coisa que se faz* (edição do autor, 1999); *Do amor deveras e das quimeras* (e-book, *Emooby*, 2011); e *livra-me, poesia*(Scortecci, 2019), todos de poesia. Tem poemas publicados em revistas e portais de literatura, como Gueto, Mallarmargens, Ruído Manifesto e Mirada. Tem, ainda, mais de 70 artigos publicados em periódicos científicos.